

Estética desindustrial 'made in' Taiwan

Resgate do primeiro longa de Tsai Ming-liang

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Envolverido em projetos de um radicalismo experimental digno da videoarte, porém concebidos para salas de projeção, como "Abiding Nowhere", o malaio radicado em Taiwan Tsai Ming-liang hoje não se aventura mais por narrativas de jornada como "Rebeldes Do Deus Neon" ("Qing Shao Nian Nuo Zha", 1992), a ser exibida pelo Estação Net Botafogo nesta segunda, às 21h. Foi a partir dessa trama sobre dilemas de juventude que ele estreou no longa-metragem. Passou por festivais em Berlim, Toronto, Tóquio, Turim e Taipei, terra que serve de base de operações para sua vida e sua arte.

O que faz hoje, devotado a pesquisas sobre realidade virtual, não põe na lixeira o que fez no início de uma aclamada carreira, coroada mundialmente com 65 troféus, entre eles o Leopardo Honorário do Festival de Locarno (na Suíça). Tsai respeita sua caminhada, em especial quando novíssimas plateias tentam entender o caminho que ele escolheu para, em suas próprias palavras, "conseguir se perder".

"Não sou mais jovem, percebo ser incapaz de ter a força para rodar certos planos que fazia no passado, mas sinto que meu interesse hoje se concentra em gestos que desindustrializem o cinema,



Locarno Film Festival

pensando sempre na tela grande", disse Tsai ao Correio da Manhã, em Locarno, meses antes de finalizar "Abiding Nowhere", lançado na Berlinale.

Depois de seu "Vive L'Amour" (1994) conquistar o Leão de Ouro de Veneza, o realizador de 67 anos encontrou prestígio definitivo no planisfério cinéfilo, sem nunca

arredar o pé da invenção. A consagração de seu "O Buraco" em Cannes, de onde saiu com Prêmio da Crítica em 1998, foi um passo adiante no estabelecimento de uma carreira sempre interessada em pensar cidades e suas solidões.

"Eu faço filmes silenciosos porque os barulhos da cidade nos servem como uma trilha sonora",



'Abiding Nowhere', o exercício autoral mais recente de Tsai Ming-Liang, exibido na Berlinale em 2024

'Rebeldes do Deus Neon' passa segunda, às 21h, em Botafogo

TWM

disse Tsai ao Correio na Berlinale de 2020, ao ganhar o troféu Queer Teddy por "Days".

Essa dimensão silenciosa que persegue hoje já se faz notar em "Rebeldes Do Deus Neon", que integra o cardápio de clássicos da segunda metade do século XX sempre buscados pelo Estação para as sessões de segunda. Em sua trama, o estudante Hsiao Kang (papel de Lee Kang-Sheng, o muso do diretor) vive com seus pais em Taipei. Decidido a deixar a escola para vagar pela cidade com sua scooter, ele acaba encontrando dois rapazes que haviam quebrado o retrovisor do carro do seu pai, e resolve segui-los. Solto no grande centro, cheio de casas de jogos eletrônicos, luzes e pessoas vagando num ambiente sombrio, Hsiao Kang traça um caminho que demonstra, de forma majestosa, o vazio da modernidade. Esse vazio é o eixo autoral de Tsai no cinema. "Falo de homens em instâncias distintas da linguagem, que não falam a mesma língua, mas se encontram", explicou o cineasta, em Locarno.

Há um ano, ele tem rodado eventos acompanhando a exibição da cópia nova de "O Sabor da Melancia" (2005), que comemora duas décadas de sua estreia ainda

pontuado de ousadia. É um ensaio sobre corpo, sexo e querer, que brinca com a tradição do musical asiático. "Abiding Nowhere" vai por uma margem oposta. Nele, Kang-Sheng passa todo o tempo a trafegar por Washington, a partir de um mergulho num rio, em área silvestre, onde imerge, emerge e flutua. Sua cabeça raspada e sua túnica rubra humilde lhe dão um perfil de monge. Sem palavras, atento ao esplendor da Natureza numa comunhão quase espiritual com ela, o sujeito entra na estação de trens, adentra uma igreja e passeia por um museu. Outro estranho (vivido por Anong Hounghueangsy) também se desloca pela cidade. Não sabemos se ele está ou não a seguir o caminhar, mas traça seu próprio trajeto, numa caminhada imbuída de um senso de autodescoberta.

"A partir de 2017, eu passei a me expressar modelos de captação de imagens que não me permitem fazer closes e outras conjugações dos verbos cinematográficos clássicos, mas me habilita a fazer descobertas no terreno da textura", disse Tsai. "É um futuro possível. Para chegar a ele, preciso preservar o passado. Preciso manter meus filmes de ontem vivos".